



O BASQUETEBOL BRASILEIRO NOS JOGOS OLÍMPICOS.

Prof. Dr. Dante De Rose Junior¹

1 INTRODUÇÃO

A trajetória do basquetebol masculino

O basquetebol masculino passou a fazer parte do programa olímpico somente em 1936, em Berlin. No entanto, em 1904 (nos Jogos de St. Louis), essa modalidade esportiva foi disputada a título de demonstração.

O torneio foi chamado pelos organizadores de “Olympic World’s Basketball Championship” – Campeonato Mundial Olímpico de Basquetebol – e teve a participação de cinco equipes norte-americanas: Buffalo German, Chicago Central, New York Xavier Athletic Club, Los Angeles Turner Tigers e Missouri Athletic Club.

Com a expansão do basquetebol pelo mundo e, especialmente pela Europa após a Primeira Guerra Mundial, os movimentos para a inclusão desse esporte nos Jogos começaram a se expandir até que, em 1936, a modalidade esportiva passou a figurar nos programas olímpicos, onde permanece até os nossos dias.

Em 1936 participaram 21 equipes e ainda não havia um sistema classificatório para definir os participantes, fato que começou a ocorrer a partir de 1960, com a realização de Torneios Pré Olímpicos.

Os resultados dos jogos da primeira edição mostram, de maneira muito interessante, como as partidas se desenvolviam baseadas em regras rudimentares e sistemas de jogo pouco dinâmicos. Além disto, o torneio foi disputado em quadras descobertas e algumas partidas ocorreram sob fortes chuvas. A final entre Estados Unidos e Canadá (19 x 8) é, juntamente com a partida Uruguai e Bélgica (17x10 nos mesmos Jogos) uma das partidas com a menor contagem acumulada de todos os jogos já disputados em torneios olímpicos. Ressalte-se que em 1936, a média de pontos das equipes foi de 25,9 por jogo.

A partir de 1948 (depois de uma paralisação de 12 anos por causa da Segunda Guerra Mundial), o basquetebol masculino se consolidou como modalidade olímpica e passou a ser uma das maiores atrações dos Jogos, sempre impulsionado pelo excelente basquetebol norte-americano, que dominou as competições até 1972 quando perdeu, de forma surpreendente para a União Soviética, em uma final até hoje muito polêmica.

Desde então houve uma alternância no posto mais alto do pódio. Os Estados Unidos detêm a supremacia em termos de medalhas de ouro, conquistando treze (em 16 participações). Seguem-se a Rússia (incluindo-se a antiga União Soviética) com duas conquistas, Argentina e Iugoslávia com uma conquista cada. Merece destaque a participação pela primeira vez dos jogadores profissionais da NBA nos Jogos de 1992, quando um esquadrão imbatível foi formado com astros como Magic Johnson, Larry Bird e Michael Jordan, na equipe que ficou conhecida como “Dream Team” (Time dos Sonhos).

Cinquenta e um países participaram das edições masculinas dos Jogos. Os países com maior número de participações são: Estados Unidos (16), Brasil (13),

¹ Escola de Artes, Ciências e Humanidades – USP - Brasil



Austrália, Itália e Rússia (12 – incluindo-se as participações como União Soviética e CEI), Iugoslávia (11 – incluindo-se a participação como Sérvia) e Espanha (10).

Quinze países tiveram uma única participação: Cingapura, Estônia, Formosa, Índia, Inglaterra, Irã, Iraque, Letônia, Marrocos, Panamá, República Centro Africana, Suécia, Tailândia, Turquia e Venezuela.

Nessas 17 edições do basquetebol masculino nos Jogos Olímpicos, tivemos a realização de 883 jogos (não considerados 11 WOs que ocorreram ao longo das competições,) sendo a equipe norte-americana a que mais atuou (125 vezes com 120 vitórias), seguida pelo Brasil (100 jogos – 57 vitórias) e Rússia (94 jogos – 70 vitórias). A média de pontos por jogo, em todos esses anos, foi de 71,3/equipe, com destaque para o ano de 1976 (Montreal) cuja média de pontos por equipe/jogo foi de 88,5.

A trajetória do basquetebol feminino

Já o basquetebol feminino tem uma história um tanto diferente nos Jogos Olímpicos. A modalidade somente foi aceita na competição, quarenta anos após, em 1976, em Montreal (Canadá). Não há registros do porque dessa diferença de tempo.

Na primeira versão do basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos somente seis equipes participaram. A União Soviética manteria uma incrível invencibilidade de quase vinte anos (que se acumulava com os jogos dos Campeonatos Mundiais) sagrando-se campeã vencendo Japão, Canadá, Bulgária, Tchecoslováquia e Estados Unidos com relativa facilidade.

Em 1980, com o boicote liderado pelos Estados Unidos, a URSS repetiu o feito vencendo seus adversários por diferença média de 47 pontos, atestando sua total superioridade nessa modalidade esportiva. Ressalte-se também que nessas duas primeiras edições o basquetebol feminino tinha nos países da chamada “cortina de ferro” sua maior força (além da União Soviética, podemos citar a Bulgária, Tchecoslováquia, Hungria e Iugoslávia).

A partir de 1984 (agora com o boicote dos países da então “cortina de ferro”) os Estados Unidos começaram a dominar o basquetebol feminino olímpico e mundial. A partir daí surgiram também as forças asiáticas representadas por China e Coreia e países emergentes no basquetebol como o Canadá e Austrália.

Em 1988 os Estados Unidos mantiveram sua hegemonia, quebrada novamente em 1992 pela Comunidade dos Estados Independentes (que em competições futuras voltaria como Rússia). Com o aumento do número de participantes (de 6 para 8) começam a surgir novas forças, entre elas Brasil, Espanha, Cuba e Itália. Interessante que os países da antiga “cortina de ferro” foram desaparecendo gradativamente do cenário do basquetebol feminino.

A partir de 1996, os Estados Unidos retomaram a hegemonia do basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos e venceram todas as competições (1996, 2000, 2004 e 2008) acumulando, ao longo do tempo, 51 vitórias e somente 2 derrotas.

O basquetebol feminino, nos Jogos Olímpicos, teve a presença de 27 países. Desses os maiores participantes são: Estados Unidos e Rússia (8), Austrália, China e Coreia (6), Brasil e República Tcheca (incluindo participações como Tchecoslováquia) (5).

Foram realizados 255 jogos com média geral de 72,5 pontos por equipe/partida, sendo que em 1976 (assim como no masculino) tivemos a maior média de pontos por equipe/partida – 79,2.



O Brasil tem uma importante história no basquetebol olímpico, tanto no masculino, quanto no feminino. Detentor de 3 medalhas de bronze no masculino (Londres – 1948; Roma – 1960 e Tóqui – 1964), o basquetebol masculino é um dos maiores participantes dos Jogos (13 edições) e é a equipe com o segundo maior número de jogos (100), ficando atrás somente dos EUA (125) e o quarto maior número de vitórias (57) ficando atrás das três grandes potências do basquetebol mundial: Estados Unidos (120), Rússia (70) e Iugoslávia (62). Além disso outros dados mostram a importância do basquetebol brasileiro na história dos jogos.

No feminino a história é muito semelhante. Ganhador de duas medalhas (prata em Atlanta – 1996 e bronze em Sydney – 2000), a seleção brasileira feminina participou de cinco edições dos Jogos, obtendo 18 vitórias em 34 jogos, posicionando-se atrás de Estados Unidos (51), Rússia (38) e Austrália (30).

Em função desses fatos, este artigo propõe-se a mostrar com mais detalhes a trajetória do basquetebol brasileiro nos Jogos Olímpicos, apresentando dados que poderão auxiliar nos conteúdos de disciplinas de cursos de Educação Física e Esporte ou, simplesmente, saciar a curiosidade daqueles que gostam deste esporte.

2 O BRASIL E SUA HISTÓRIA NO BASQUETEBOL OLÍMPICO

Masculino

As primeiras participações

O basquetebol chegou ao Brasil em 1896 e a partir daí houve um interesse muito grande na prática dessa modalidade esportiva, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro.

Somente três décadas depois o Brasil começou a participar oficialmente de campeonatos internacionais. Em 1930 foi realizado o primeiro Campeonato Sul-americano, vencido pelo Uruguai. O Brasil obteve a terceira colocação. Em 1934 o Brasil foi novamente terceiro colocado e vice em 1935. Interessante notar que nesses campeonatos participaram somente quatro países: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai.

Em 1936, surgiu a primeira oportunidade do Brasil participar dos Jogos Olímpicos. Nossa seleção masculina disputou 4 jogos, vencendo somente a China (32x14) e perdendo do Chile, Polônia e Canadá. Num sistema de disputa um tanto confuso, o Brasil ficou entre o nono e o décimo quarto lugar juntamente com Chile, Tchecoslováquia, Estônia, Japão e Suíça.

Com a paralisação dos Jogos devido à Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), o Brasil teve a oportunidade de disputar somente torneios sul-americanos, sagrando-se campeão em 1939 e 1945.

Surgia então aquela que pode ser considerada a primeira grande geração de atletas do basquetebol brasileiro. Comandados pelo professor Moacyr Daiuto (ex-professor e Diretor da Escola de Educação Física e Esporte da USP), um grupo de excelentes jogadores teve a honra de obter a primeira medalha olímpica para um esporte coletivo do Brasil. Em 1948, em Londres, a seleção brasileira disputou 8 partidas, perdendo somente nas semi-finais para a França (33x43). A disputa do bronze foi contra o México (52x47).

Já na década de 50, o Brasil continuou participando dos Jogos Olímpicos, mas sem o mesmo brilhantismo apresentado em 1948.



Em 1952, em Helsinque, nossa participação resumiu-se ao sexto lugar, atrás de norte-americanos, soviéticos e de nossos adversários sul-americanos Uruguay, Argentina e Chile. Foram 8 jogos (4 vitórias e 4 derrotas).

Em Melbourne (1956) tivemos campanha semelhante, obtendo o sexto lugar e disputando 7 jogos (3 vitórias e 4 derrotas). Apesar da modesta campanha, o Brasil começou a formar uma geração que, a partir do final da década de 50, foi considerada a geração de ouro do basquetebol brasileiro, obtendo muitas glórias e conquistas de medalhas para nosso país.

Nos anos 50, paralelamente aos Jogos Olímpicos, o Brasil iniciou sua participação em Campeonatos Mundiais, obtendo um quarto lugar em 1950 e o vice-campeonato em 1954. Nos Jogos Pan-americanos obtivemos duas medalhas de bronze em 1955 e 1959.

A ascensão do nosso basquetebol masculino começou a ocorrer em 1959, quando nos sagamos campeões mundiais, no Chile. Despontavam nessa equipe jogadores que, durante muitos anos, levariam o basquetebol brasileiro ao ápice de sua trajetória e que formariam a base de muitas seleções vitoriosas. É claro que não poderíamos nos esquecer do técnico Togo Renan Soares (Kanela) que juntamente ao inesquecível Moacyr Daiuto, formaria a dupla de técnicos mais vitoriosa do país.

Os anos dourados e bronzeados

1959 foi um ano marcante para o basquetebol masculino brasileiro. A conquista do título Mundial no Chile foi fundamental para a consolidação do nosso esporte. Apesar desse título ter sido conquistado pela punição imposta à União Soviética por se recusar a jogar contra Formosa, o Brasil mostrava sua força ascendente e que se confirmaria nos anos seguintes.

Entre 1960 e 1964, o basquetebol brasileiro teve uma fase esplendorosa. Duas medalhas de bronze nos Jogos de Roma (1960) e Tóquio (1964), o bi-campeonato mundial em 1963, no Rio de Janeiro, além da excelente participação nos Jogos Pan-Americanos em São Paulo (1963), quando obtivemos medalha de prata.

Nos Jogos Olímpicos de 1960, o Brasil participou de oito partidas, perdendo somente para as duas maiores potências do basquetebol mundial: Estados Unidos e União Soviética. Em 1964, após uma surpreendente derrota para o Peru na fase classificatória, o Brasil obteve seis vitórias e novamente perdeu somente para as duas super potências.

Apesar de não ter conquistado nenhuma medalha em 1968 (México), o Brasil manteve-se entre os quatro melhores do basquetebol olímpico, dividindo esse status com Estados Unidos, União Soviética e a emergente Iugoslávia que se manteria nessa posição por muitos anos.

Os anos instáveis

A década de 70 mostrou um Brasil instável no basquetebol masculino.

Após um brilhante vice-campeonato mundial, em 1970 e a conquista do título Pan-Americano em 1971, o Brasil teve uma participação discretíssima nos Jogos Olímpicos de Munique (1972) e não se classificou para os Jogos de Montreal (1976). Após uma surpreendente derrota para a inexpressiva seleção da Holanda e outra para o México, o Brasil classificou-se em quarto lugar no torneio pré-olímpico, no



qual somente os três primeiros se classificariam. Em Munique, o Brasil obteve um sétimo posto decorrente de uma campanha com 5 vitórias e 4 derrotas.

Mas o final da década de 70 nos traria novas esperanças. Uma nova geração de atletas mesclados com jogadores mais experientes conquistariam um honroso terceiro lugar no Campeonato Mundial de 1978 (Filipinas), após uma inesquecível cesta de Marcel do meio da quadra, no último segundo, na disputa do bronze contra a Itália.

E com essa nova geração, o Brasil adentrou a década de 80, participando dos Jogos de Moscou, como convidado, beneficiado pelo boicote de vários países a esses jogos, já que não havia se classificado no torneio pré-olímpico. Nossa campanha com 4 vitórias e 3 derrotas, foi suficiente para garantir a quinta colocação.

Após uma fraca campanha no Mundial de 1982 (oitavo lugar) e uma medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de 1983, o Brasil disputou os Jogos Olímpicos de 1984, obtendo um inexpressivo nono lugar, disputando 7 jogos e obtendo somente 3 vitórias.

A partir de 1986, o Brasil esboçou uma reação, obtendo o quarto lugar no mundial realizado na Espanha e praticamente a mesma equipe manteria sua trajetória de sucesso com uma conquista que até hoje é considerada por muitos como a mais espetacular do basquetebol brasileiro. Em Indiana, o Brasil conquistou o Pan-Americano de 1987, com uma vitória marcante sobre a equipe norte-americana, após estar perdendo por 25 pontos no intervalo do jogo.

Após essa conquista, tudo levava a crer que, nos Jogos Olímpicos de 1988 (Coréia) o Brasil poderia voltar a sonhar com uma medalha olímpica. Mas novamente a instabilidade brasileira veio à tona. Após duas derrotas na fase de classificação (para Espanha e Estados Unidos) o Brasil disputou as quartas de finais contra a União Soviética. Em um jogo espetacular os soviéticos derrotaram os brasileiros por 110x105 colocando-nos na disputa do quinto lugar, obtido depois de vitórias contra Porto Rico e Canadá.

Interessante ressaltar que em 1988, o Brasil realizou uma impressionante campanha em relação à pontuação em jogos de basquetebol. A média de pontos do Brasil foi de 113,1 (em sete jogos o Brasil marcou mais de 100 pontos), enquanto que a média do campeonato foi de 86,4. Em um desses jogos o Brasil protagonizou juntamente com a China o jogo que até hoje detém o recorde de pontuação acumulada nos Jogos: 130 x 108. Também foi em 1988 que o Brasil anotou o maior número de pontos em uma partida (138 contra o Egito), que também é o atual recorde olímpico.

As últimas participações

A década de 90 aponta para as últimas participações do basquetebol masculino brasileiro em Jogos Olímpicos e o início de um declínio preocupante nos campeonatos mundiais (5º. lugar em 1990; 11º. lugar em 1994 e 10º. lugar em 1998). Apesar de conquistas importantes nos jogos Pan-Americanos (5º. em 1991; 3º. em 1995 e campeão em 1999) o futuro no novo milênio nos reservaria muitos fracassos e desilusões.

Nos jogos de Barcelona (1992) que marcaram a entrada das estrelas da NBA o Brasil manteve-se em quinto lugar, com 4 vitórias e 4 derrotas. No jogo contra os astros americanos, a derrota por 127 x 83.

Em Atlanta (1996), o Brasil manteve-se entre os seis primeiros colocados com uma campanha razoável (3 vitórias e 5 derrotas), encerrando as participações do



basquetebol brasileiro em Jogos Olímpicos. Essa competição também marcou o encerramento da participação em seleções de um dos maiores astros do nosso basquetebol: Oscar Schmidt. Maior pontuador dos Jogos Olímpicos, Oscar marcou sua época através de sua excepcional condição de arremessador, de sua garra e seu verdadeiro amor pela camisa verde amarela.

Apesar do tri campeonato Pan-Americano (1999, 2003 e 2007), o Brasil não obteve sucesso nos torneio pré-olímpicos e não participou dos Jogos de 2000, 2004 e 2008 frustrando os profissionais e adeptos do basquetebol.

Feminino

A difícil escalada rumo ao Olimpo

A chegada do basquetebol feminino brasileiro aos Jogos Olímpicos foi muito difícil, ao contrário dos Campeonatos Mundiais e Jogos Pan-Americanos nos quais nossa participação foi sempre muito freqüente.

De 1953 (quando da realização do primeiro Campeonato Mundial feminino) até 1976 (primeira edição do basquetebol feminino em Jogos Olímpicos), foram realizados sete campeonatos mundiais. O Brasil esteve presente em seis.

Nossas participações sempre foram discretas (dois quartos lugares em 1953 e 1957, um quinto lugar em 1964, um oitavo lugar em 1967 e um décimo segundo lugar em 1975).

Mas 1971 foi um ano muito especial. Atuando em São Paulo, nossa seleção feminina obteve a medalha de bronze, numa campanha histórica com duas derrotas para União Soviética (campeã) e Tchecoslováquia (vice) e quatro vitórias sobre França, Coréia, Cuba e Japão. Esta última numa memorável cesta da pivô Nilza a um segundo do final do jogo, com o ginásio do Ibirapuera super lotado.

Nos Jogos Pan-Americanos nossa equipe feminina havia obtido duas medalhas de prata (1959 e 1963) e duas de ouro (1967 e 1971).

O fraco desempenho no Mundial de 1975 (12º) fez com que o Brasil nem disputasse o torneio pré-olímpico do Canadá e, conseqüentemente, ficasse fora da disputa pela vaga olímpica.

Para os Jogos de 1980, o Brasil disputou o Pré Olímpico em Varna (Bulgária) e novamente não se classificou, sendo eliminado já na primeira fase do torneio. O mesmo aconteceria no pré-olímpico de 1984, em Havana e em 1988, na Malásia e Singapura.

No período de 1976 a 1992 o Brasil continuou participando dos Campeonatos Mundiais e sua melhor colocação foi um quinto lugar no Campeonato realizado em 1983, no Brasil (9º em 1979; 11º em 1986 e 10º em 1990). Nos Jogos Pan-Americanos obtivemos um quarto lugar em 1979, bronze em 1983 e prata em 1987.

Finalmente o Olimpo

Os anos 90 foram pródigos para o basquetebol feminino brasileiro.

Em 1991, nos Jogos Pan-americanos, conseguimos um título importante, vencendo Cuba em sua própria casa. Uma imagem fantástica que ficou marcada na memória dos brasileiro foi a da entrega da medalha de ouro, quando o Presidente Fidel Castro brincou com nossa atletas Paula e Hortência, “negando-se” a entregá-lhes a medalha.



Em 1992, o Brasil conseguiu a tal sonhada vaga para a primeira participação olímpica. Classificando-se em terceiro lugar no torneio Pré-Olímpico de Vigo (Espanha) o Brasil foi a Barcelona para sua estréia.

Apesar de contar com uma equipe jovem e forte, obtivemos somente o sétimo lugar, vencendo dois jogos contra a Itália e perdendo outros três para Cuba, CEI e Tchecoslováquia.

Em 1994, na Austrália, o primeiro título mundial. Após perder para a China na fase de classificação, o Brasil disputou a semi-final com os Estados Unidos e obteve uma vitória histórica (110 x 107) que o levaria à final novamente contra a China. Desta feita vitória (96 x 84) e o título mundial.

A base dessa equipe foi mantida para os Jogos Olímpicos de 1996 e numa campanha irrepreensível (7 vitórias e 1 derrota na final), o Brasil obteve sua primeira medalha (prata) no basquetebol feminino. A final foi disputada contra uma fortíssima equipe norte-americana que, além de jogadoras espetaculares, ainda eram as donas da casa (87 x 111).

Em 2000, nos Jogos de Sydney, a seleção brasileira de basquetebol feminino manteve a tradição de sempre estar entre as melhores do mundo e obteve a medalha de bronze. Apesar da campanha não ser tão brilhante quanto em 1996, com derrotas para França, Canadá e Austrália (duas vezes), o Brasil obteve quatro vitórias (Eslováquia, Senegal, Coréia e Rússia). Na disputa do terceiro lugar, um jogo emocionante contra a Coréia, decidido somente na prorrogação (84 x 73, com 65 x 65 no tempo normal).

Antes dos Jogos Olímpicos de Atenas, o Brasil disputou mais um Pan-Americano (2003), obtendo a medalha de bronze. Mas, esses Jogos de Atenas já mostravam o prenúncio de uma ligeira queda do basquetebol feminino brasileiro. Novamente com uma campanha mediana (4 vitórias e 4 derrotas) o Brasil manteve-se entre as quatro maiores potências do basquetebol mundial, mas sem obter medalha. Na disputa do terceiro lugar fomos derrotados pela Rússia (75 x 88).

Em 2007, outro vice-campeonato Pan-Americano, dessa vez perdendo para as cubanas no Rio de Janeiro. Em 2008 (Beijing) confirmou-se a tendência de queda do nosso basquetebol feminino.

Com vários problemas, nossa seleção amargou sua pior participação olímpica. Em cinco jogos, somente uma vitória (Bielorússia) e quatro derrotas (Coréia, Letônia, Austrália e Rússia) levaram o Brasil ao 11º. lugar à frente da inexpressiva seleção de Mali, deixando uma preocupação muito grande em relação ao futuro do basquetebol feminino brasileiro.

3 NÚMEROS ILUSTRATIVOS DAS CAMPANHAS BRASILEIRAS EM JOGOS OLÍMPICOS

A seguir serão apresentados alguns dados e algumas tabelas para ilustrar numericamente os comentários feitos anteriormente.

Desde 1896 (Atenas) até 2008 (Beijing) foram realizadas 26 edições dos Jogos Olímpicos. O basquetebol masculino, oficialmente incluído no programa olímpico em 1936, teve 17 edições. O Brasil participou de 13 delas (a primeira em 1936 e a última em 1996, não disputando em 1976, 2000, 2004 e 2008). O Brasil disputou 100 partidas (segundo maior número de partidas disputadas): venceu 57 e perdeu 43.

Já no feminino, incluído no programa olímpico em 1976, o Brasil participou de cinco edições, não disputando em 1976, 1980, 1984 e 1988.



As tabelas 1 e 2 mostram a classificação do Brasil (masculino e feminino, respectivamente) em cada uma das edições dos Jogos, bem como o número de vitórias e derrotas.

Tabela 1: Classificação, vitórias e derrotas do basquetebol masculino em Jogos Olímpicos

Jogos: ano e local	Classificação do Brasil	Vitórias	Derrotas
1936 – Berlin	9 ^o . a 14 ^o (não definido)	1	3
1948 – Londres	3 ^o .	7	1
1952 – Helsinque	6 ^o .	4	4
1956 – Melbourne	6 ^o .	3	5
1960 – Roma	3 ^o .	6	2
1964 – Tóquio	3 ^o .	6	3
1968 – México	4 ^o .	6	3
1972 – Munique	7 ^o .	5	4
1980 – Moscou	5 ^o .	4	3
1984 – Los Angeles	9 ^o .	3	4
1988 – Seul	5 ^o .	5	3
1992 – Barcelona	5 ^o .	4	4
1996 – Atlanta	6 ^o .	3	5

Tabela 2: Classificação, vitórias e derrotas do basquetebol feminino em Jogos Olímpicos

Jogos: ano e local	Classificação do Brasil	Vitórias	Derrotas
1992 – Barcelona	7 ^o .	2	3
1996 – Atlanta	2 ^o .	7	1
2000 – Sydney	3 ^o .	4	4
2004 – Atenas	4 ^o .	4	4
2008 – Beijing	11 ^o .	1	4

As tabelas 3 e 4 mostram a relação dos países que enfrentaram o Brasil e o número de vitórias e derrotas para cada uma desses países.



Tabela 3: Relação dos países que enfrentaram o Brasil no masculino e o número de vitórias (V) e derrotas (D) para cada uma das países

Países	V	D	Países	V	D
Alemanha	1	1	França	2	1
Angola	1	0	Grécia	0	2
Argentina	0	1	Hungria	1	0
Austrália	3	3	Índia	1	0
Bulgária	1	2	Inglaterra	1	0
Canadá	4	1	Itália	3	1
Chile	3	2	Iugoslávia	1	3
China	3	0	Japão	1	0
Coréia do Sul	3	0	Lituânia	0	1
Croácia	1	1	Marrocos	1	0
Cuba	2	1	México	3	0
Egito	3	0	Peru	0	1
Espanha	1	3	Polônia	2	1
Est.Unidos	0	9	Porto Rico	5	1
Filipinas	1	0	Rússia	1	8
Finlândia	1	0	Tchecos	5	0
			Uruguay	2	0

Tabela 4: Relação dos países que enfrentaram o Brasil no feminino e o número de vitórias (V) e derrotas (D) para cada um desses países.

Países	V	D
Austrália	0	5
Bielorússia	1	0
Canadá	1	1
China	1	0
Coréia do Sul	1	1
Cuba	1	1
Eslováquia	1	0
Espanha	1	0
EUA	0	1
França	0	1
Grécia	1	0
Itália	3	0
Japão	2	0
Letônia	0	1
Nigéria	1	0
Rússia	2	4
Senegal	1	0
Tchecos	0	1
Ucrânia	1	0



Nos 100 jogos disputados pelo masculino, o Brasil obteve uma média de 75,8 pontos a favor e 71,8 pontos contra. A figura 1 mostra as médias de pontos a favor e contra em cada uma das participações do Brasil. Nessa figura também aparecem as médias gerais (G), as médias em jogos em que o Brasil foi vitorioso (V) e nos jogos em que foi derrotado (D).

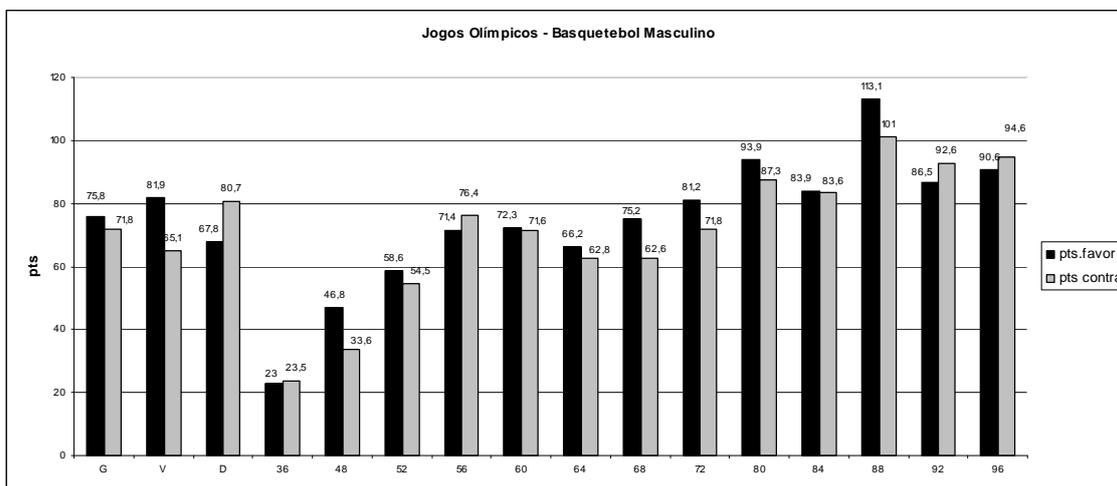


Fig. 1: Médias de pontos a favor e pontos contra do Brasil (masculino) em cada uma de suas participações.

Comparando-se as médias Gerais e do Brasil percebe-se, pela figura 2, que o Brasil sempre teve um comportamento ofensivo (expresso pela média de pontos convertidos por partida) muito próximo dessa média geral e, em alguns casos, ultrapassando a média de forma marcante como nos Jogos de 1980 e, especialmente, em 1988. Pela figura também pode-se perceber a evolução na pontuação média dos Jogos, especialmente a partir da década de 60, quando houve mudanças significativas das regras e dos sistemas de jogo das equipes. Nota-se que o Brasil acompanhou essa mudança. (os dados do Brasil aparecem em *italico*)

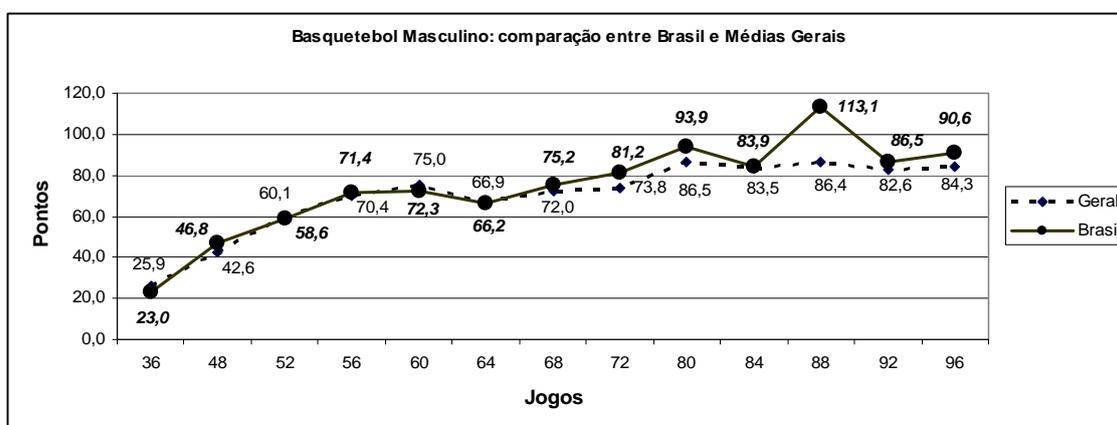


Fig. 2: Médias gerais e médias do Brasil de pontos por edição dos Jogos Olímpicos.

No feminino, foram 34 jogos com média de 77.2 pontos a favor e 72,6 pontos contra. A figura 3 mostra as médias de pontos a favor e contra em cada uma das participações do Brasil. Nessa figura também aparecem as médias gerais (G), as médias em jogos em que o Brasil foi vitorioso (V) e nos jogos em que foi derrotado (D).

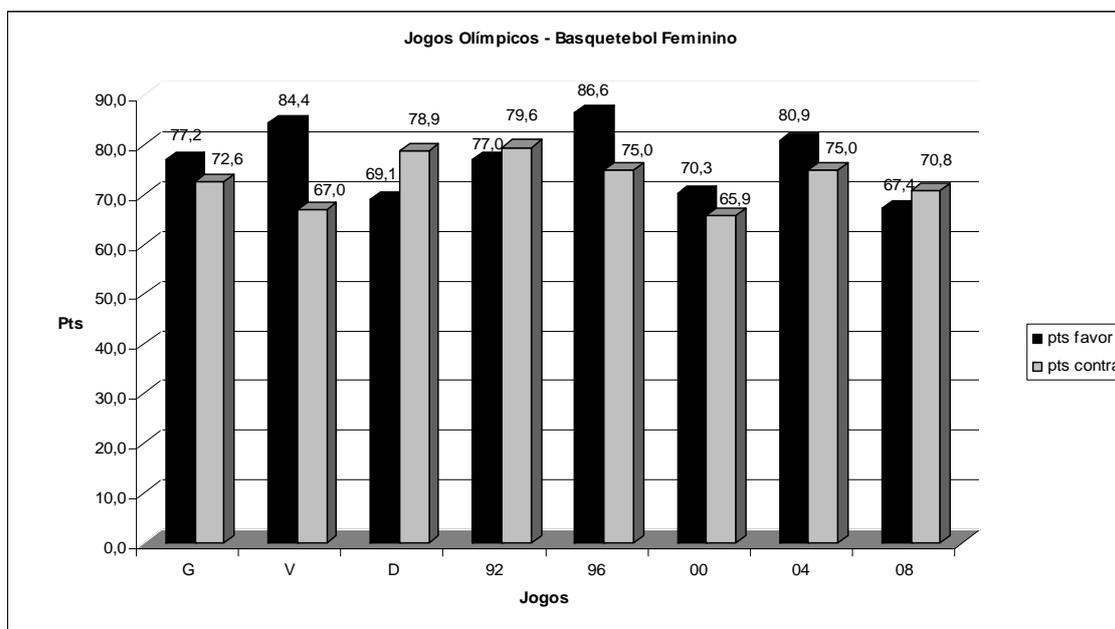


Fig. 3: Médias de pontos a favor e pontos contra do Brasil (feminino) em cada uma de suas participações

As médias do feminino, conforme apresentadas na figura 4, mostram-se, na maioria das participações do Brasil acima da média geral dessas competições. Esse resultado é marcante nos jogos de 1996, quando Brasil obteve a medalha de prata (sua melhor participação nos Jogos) e com uma média de 12,2 pontos acima da média do torneio (os dados do Brasil aparecem em *itálico*).

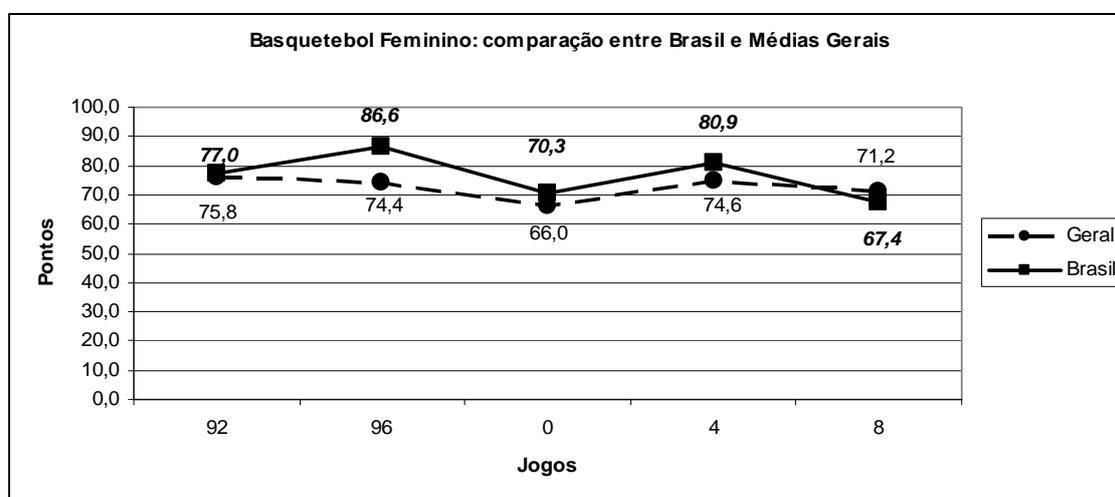


Fig. 4: Médias gerais e médias do Brasil de pontos por edição dos Jogos Olímpicos.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação do basquetebol brasileiro nos Jogos Olímpicos tem duas histórias bem diferentes.

O masculino, participando desde a primeira edição dos Jogos, obteve um status importante a partir de 1948, avançando na linha de frente do basquetebol mundial, mantendo-se entre as grandes potências até o final da década de 60. Paralelamente a essa significativa participação olímpica, nosso basquetebol masculino também brilhava nos campeonatos mundiais, marcando sua presença e revelando jogadores que seriam reverenciados pelo mundo afora.

Esse status de potência mundial do basquetebol, atestado pela indicação da FIBA como a quarta potência do século, somente atrás de Estados Unidos, Rússia e Iugoslávia foi sendo perdido ao longo das décadas posteriores.

A partir de 1996, infelizmente, nosso basquetebol masculino não mais se fez representar nos Jogos Olímpicos. Constantes desclassificações nos torneios pré-olímpicos e fracassos em campeonatos mundiais levaram nosso basquetebol a perder terreno no cenário mundial.

Em que pese algumas conquistas em nível sul-americano e pan-americano, no qual somos tri-campeões (1999, 2003 e 2007), o Brasil despencou no ranking da FIBA. Apontado como a quarta potência do basquetebol mundial no século XX, somente atrás de Estados Unidos, Rússia (antiga União Soviética) e Iugoslávia, atualmente ocupamos um inexpressivo 16º. Lugar, perdendo para países como China, Porto Rico, Angola, Turquia e Nova Zelândia.

Claro que há de se considerar a evolução do basquetebol em todo o mundo, notadamente na Europa com o surgimento de novas forças e consolidação de outras como a Alemanha, Lituânia, Croácia, Grécia, Itália, França e Espanha. Não se pode esquecer o desenvolvimento notório da Austrália, assim como a ascensão da Argentina (campeã olímpica de 2004 e bronze em 2008).

No caso do feminino, o basquetebol brasileiro passa por uma fase semelhante à ocorrida na década de 70, quando uma geração inteira de grandes jogadoras deixou o esporte. Foi um longo período até que uma nova geração chegasse e se consolidasse para obter as conquistas que obtivemos, principalmente na década de 90 e início dos anos 2000. A nova geração de jogadoras surgidas nessa época, lideradas por Paula e Hortência e, posteriormente, com a chegada de Janeth, deu ao Brasil uma boa base sustentação que também foi se esvaindo, ficando nítida a partir dos Jogos Olímpicos de Atenas.

Assim como no masculino, o basquetebol feminino foi considerado uma das quatro grandes potências do basquetebol mundial do século XX, juntamente a Estados Unidos, Rússia e Iugoslávia. Apesar dos últimos resultados não terem sido os esperados, mantivemos a quarta colocação no ranking da FIBA. No entanto, países como a Espanha, República Tcheca e China ameaçam essa posição.

Se considerarmos os últimos resultados, podemos até prever que o basquetebol feminino tenha uma trajetória semelhante ao masculino, perdendo sua força e representatividade no cenário mundial.

No entanto, o Brasil tem poder e tradição para voltar a figurar entre os melhores (tanto no masculino, quanto no feminino). Para isto temos que trabalhar em todos os setores (administrativo e técnico) para isso traçarmos planos bem elaborados, com ênfase para o trabalho de base, fortalecendo nossas seleções juvenis e aproveitando esses talentos em nossas equipes principais.



Um ponto a ser considerado é o papel das Universidades nesse contexto de recuperação do nosso basquetebol. Essas instituições poderão ter papel fundamental nesse cenário, não só atuando em questões didáticas e de pesquisa, mas também, elaborando projetos de extensão que possam levar o basquetebol às comunidades, incentivando e divulgando sua prática entre os jovens e levando conhecimento para os profissionais envolvidos com o esporte, através de cursos e clínicas nas escolas e clubes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cardoso, M. **100 Anos de Olimpíadas: de Atenas a Atlanta**. São Paulo, Scritta, 1996.

Cardoso, M. **Os arquivos das Olimpíadas**. São Paulo: Panda Books, 2000.

De Rose Jr., D. **O Basquetebol Masculino nos Jogos Olímpicos: de Berlin a Atenas**. Lecturas Educacion Física y Deportes – Revista Digital, v. 10, n. 80. Disponível em: www.efdeportes.com, 2005.

De Rose Jr., D.; Gitti, V. **Histórico em Números do Basquetebol Feminino em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos**. Lecturas Educacion Física y Deportes – Revista Digital, v. 10, n. 81. Disponível em: www.efdeportes.com, 2005.

Escamilla, P. **História del baloncesto olímpico**. Madrid, Fundación Pedro Ferrandiz – biblioteca Samaranchi, (sd).

FIBA. **International Basketball Results: 1930-2001**. Germany, International Basketball Federation, 2002.

www.cbb.com.br

www.fiba.com

Recebido: 03/11/2008

Aprovado: 03/11/2008